

## Uma ânfora Dressel 14 parva lusitana, achada em Sines

Sónia Bombico\*

Paula Pereira\*\*

Rui Santos\*\*\*

\*CIDEHUS-Universidade de Évora,  
\*\*Investigadora Independente  
\*\*\*Museu de Sines- Câmara Municipal de Sines

sbombico@uevora.pt

paulalvespereira@gmail.com

75nov26@gmail.com

Em 2017, foi encontrada, junto a um caixote do lixo na estrada nacional nº 261-3 à saída de Sines, uma ânfora Dressel 14 *parva* de produção lusitana. O achado insólito e a presença de conchas de moluscos agarrados à superfície externa da cerâmica parecem indicar uma proveniência subaquática. No entanto, desconhecem-se por completo a origem da peça e as razões do seu abandono no local.

A ânfora encontrava-se quase completa, apresentando fracturas, ao nível do bordo, do colo e do corpo que permitiram colagens, e ausência da extremidade do bico fundeiro. Apresenta uma altura de 73cm, 23cm de diâmetro do corpo e um bordo de perfil triangular com 11,5cm de diâmetro. As asas encontram-se preservadas, apenas, ao nível dos arranques superiores. Com um perfil elíptico e um sulco longitudinal na face externa, as asas saem da parte inferior do bordo e repousam no corpo cilíndrico. O bico fundeiro é troncocónico e oco. (Fig.1)

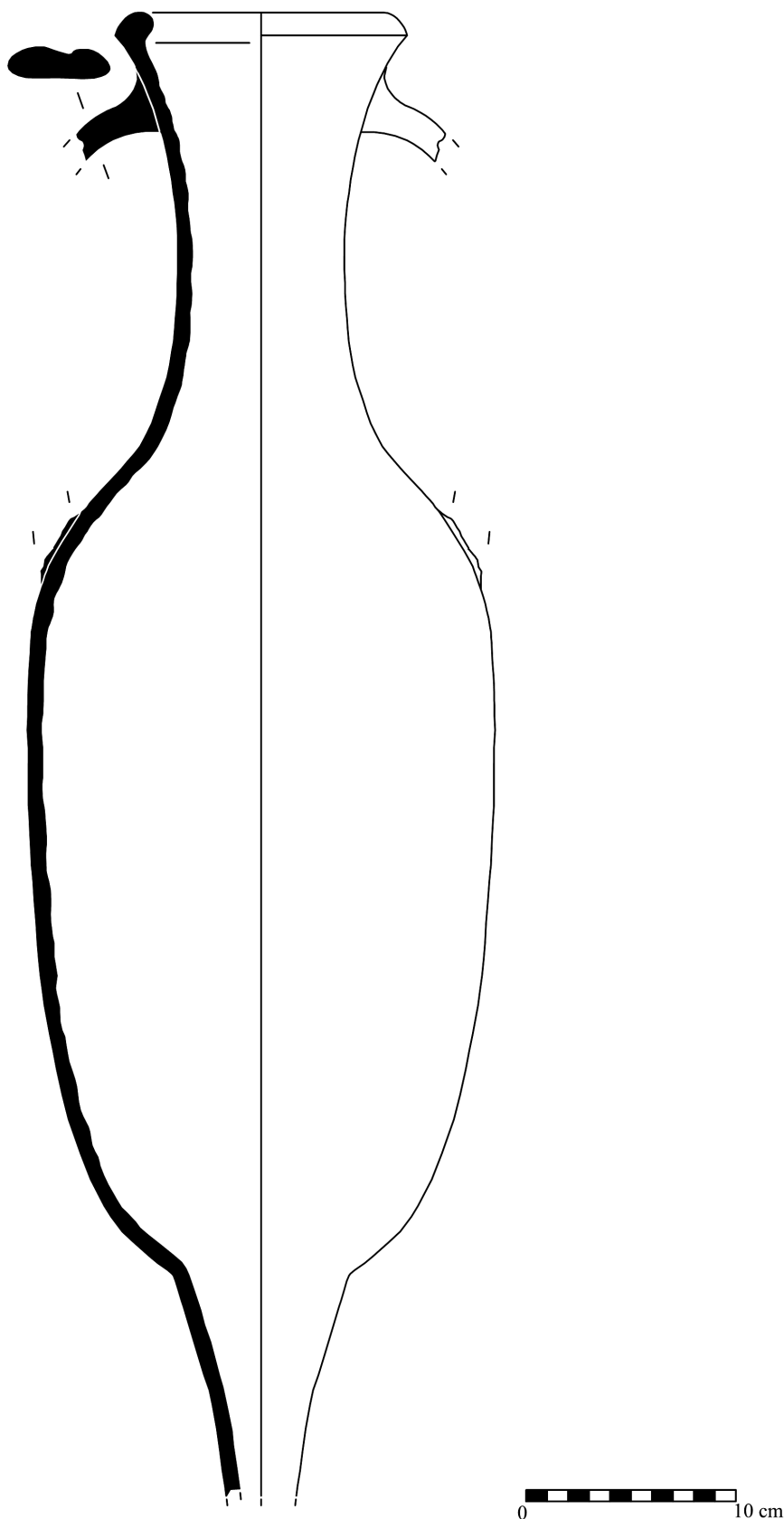
A análise macroscópica da peça revela um fabrico enquadrável nas produções lusitanas do Tejo/Sado. A pasta cerâmica tem uma tonalidade castanha-alaranjada com o cerne cinza-esverdeado, a textura

- Alicante): la época clásica. *Lucentum XIV-XVI*, 9-37.
- García-Gelabert, M. P. 2005: Fabricación de cerámica en la villa rústica romana de Catarroja, en J. Coll y P. Espona (eds.), *Recientes investigaciones sobre producción cerámica en Hispania*, Valencia, 41-59.
- Gisbert, J.A. 1987: La producció de vi al territori de Dianium durant l'Alt Imperi: el taller d'àmfores de la vil.la romana de l'Almadrava (Setla - Mirarrosa - Mirafior)", *1<sup>er</sup> Col.loqui Internacional d'Arqueologia Romana. El vi a l'Antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*, Badalona, 104-118.
- Gisbert Santonja, J.A. 1988: L'Almadrava (Setla-Mirarrosa-Mirafior, Marina Alta). Alfàr de ànforas romanes de finals del s. I a principis del s. III d. C., *Memòries arqueològiques a la Comunitat Valenciana 1984-85*, Valencia, 21-24.
- Gisbert Santonja, J.A. 2008: Puerto y fondeaderos de Dénia en la Antigüedad clásica. Evidencias de comercio y distribución de vino y aceite en *Dianium* y su *territorium*, en J. Pérez Ballester y G. Pascual Berlanga (eds.), *Comercio, redistribución y fondeaderos: la navegación a vela en el Mediterráneo (VJornadas de Arqueología Subacuática: actas)*, Valencia, 247-267.
- Gisbert Santonja, J. A. 2009: Vi tarraconense al País Valencià. Una mirada des dels forns d'àmfores, arqueologia de les vil·les i derelictes de la costa de Dianium (Dénia), en M. Prevosti i Monclús y A. Martín i Oliveras (coords.), *El vi tarraconense i laietà: abir i avui*, Institut Català d'Arqueologia Clàssica, Tarragona, 125-150.
- Gisbert Santonja, J. A. 2013: El vino y el aceite en el comercio de alimentos, en I. Aguilar Civera y J. Ferrer Marsal (coords.), *El comercio y la cultura del mar: Alicante, puerta del Mediterráneo*, Valencia, 309-321.
- Huguet, E. y Ribera, A. 2014: *Contextos ceràmics altoimperials de Valentia*, en M. Roca, M. Madrid y R. Cellis (eds.) *Contextos ceràmics d'època altoimperial en el Mediterrani Occidental*, Barcelona, 150-181
- Márquez Villora, J.C. 1999: *El comercio romano en el Portus Ilicitanus*. Alicante.
- Márquez Villora, J.C. y Molina Vidal, J. 2005, *Del "Hiberus a Carthago Nova": comercio de alimentos y epigrafía anfórica grecolatina*. Instrumenta, vol. 18, Barcelona.
- Pascual, G. y Ribera, A. 2000: El consumo de productos béticos en *Valentia* y su entorno: la continuidad de una larga tradición, en Bernal, D. y García Vargas, E.

(ed.) *Congreso internacional. Ex Baetica amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el imperio romano*. Actas, vol. 2, Écija, 565-576.

Quevedo Sánchez, A. 2013: *Contextos cerámicos y transformaciones urbanas en Carthago Nova: de Marco Aurelio a Diocleciano*, Tesis Doctoral, Universidad de Murcia, Murcia, <https://digitum.um.es/digitum/handle/10201/30289>

<sup>1</sup> El estudio de estas ánforas se enmarca en un proyecto de estudio llevado a cabo por parte del Instituto Catalán de Arqueología Clásica, titulado *Las ánforas hispánicas del Castro Pretorio conservadas en los Mercados de Trajano. Aportación al estudio del comercio entre Hispania y Roma durante el Alto Imperio*, bajo la dirección de Ramón Járrega Domínguez, cuyos resultados actualmente tenemos en proceso de estudio. Asimismo, se enmarca en el proyecto de I+D *Figlinae Hispanae (FIGHISP)*. *Catálogo en red de las alfarerías hispanorromanas y estudio de la comercialización de sus productos*, PGC2018-099843-B-I00 (MCIU/AEI/FEDER, UE). Agradecemos a la profesora Lucrezia Ungaro responsable de la Sovrintendenza Capitolina ai Beni Culturali en el momento de realizarse los estudios de campo, así como a Marina Milella y Paolo Vigliarolo, de la mencionada Sovrintendenza, por su soporte en los trabajos de documentación de los materiales.



é média-grosseira, apresentando um aspecto granuloso mas compacto, resultante de boa cozedura. O fabrico apresenta as características petrográficas básicas das produções dos estuários do Tejo/Sado, registando a presença de inclusões de quartzo, feldspato e mica, assim como pequenos nódulos ferruginosos ou negros (óxidos de ferro) (Fig.2).

A Dressel 14 *parva* é o módulo de pequenas dimensões da forma Dressel 14, produzida na Lusitânia entre o segundo quartel do século I d.C. e os inícios do século III d.C., destinada ao transporte de produtos piscícolas (Fabião, 2004 e 2008; Mayet e Silva, 2002 e 2009; Raposo e Viegas, 2016). Comparativamente à forma “clássica” que apresenta uma altura média de cerca de 99-112,5cm, um diâmetro máximo de corpo de 30-34cm, e bordos com diâmetros entre os 16 e os 22cm; a Dressel 14 *parva* possui alturas entre os 55cm e os 70cm de altura, diâmetros de corpo que rondam os 20-27cm, e bordos com diâmetros entre os 11cm e os 14cm. Este pequeno módulo é distinto da Dressel 14 “tardia” (Late Dressel 14) produzida nos centros oleiros do Sado (Abul e Pinheiro) que surge no final do século II e cuja produção se estenderá, muito provavelmente, até aos meados do III d.C. (Mayet e Silva, 1998 e 2002; Almeida *et alii*, 2014a: 658; Almeida *et alii*, 2014b: 416). A forma tardia caracteriza-se por apresentar, igualmente menores dimensões face à forma “clássica”, rondando uma altura total inferior a 100cm, apresentando bordos entre os 14 e os 16cm de diâmetro, um colo mais baixo e asas mais curtas (Mayet e Silva, 2002, 171-173; Mayet e Silva, 2009, 63).

Morfologicamente, e apesar de se tratar do módulo de pequenas dimensões, podemos associar a Dressel 14 *parva* identificada em Sines à variante B da Dressel 14 do Sado, cuja cronologia de produção se centra na segunda metade do século I d.C., mais especificamente na época flá-

▲  
Figura 1. Dressel 14 *parva* de Sines. Desenho de Rui Santos



Figura 2. Pormenor da pasta cerâmica da Dressel 14 *parva* de Sines. Foto de Paula Pereira

vio-trajana (Mayet e Silva, 2002, 103-105; Mayet e Silva, 2009, 59).

Os exemplares conhecidos de Dressel 14 *parva* possuem pastas cerâmicas enquadráveis nos fabricos do Tejo-Sado, sendo, ainda, impossível associar a sua produção a centros oleiros específicos. A produção da Dressel 14 *parva* terá sido, provavelmente, reduzida se tivermos em consideração a escassa identificação do módulo nos contextos arqueológicos de transporte e de consumo, assim como o seu não reconhecimento nos centros oleiros, melhor conhecidos, dos estuários do Sado e do Tejo.

No que concerne à cronologia de produção, acreditamos que terá sido produzida ao longo dos séculos I e II d.C., acompanhamento a produção da Dressel 14. O contentor tem vindo a ser associado, igualmente, ao transporte de preparados de peixe.

A sua presença está confirmada em alguns contextos arqueológicos peninsulares, a saber: uma parte inferior, formada por corpo e fundo, identificada num contexto arqueológico de Braga (Albergue Distrital nº 1997-0451) (Morais, Oliveira e Araújo 2016: 106, fig.1C); dois fragmentos identificados no sítio arqueológico de Tróia (Almeida *et alii*, 2014a: 657, fig.5); e um exemplar completo em Mérida (Almeida *et alii*, 2014b: 416).

Todavia, este módulo de pequenas dimensões é, ainda, raramente reconhe-

cido e, por consequência, é pouco frequente nas coleções anfóricas nacionais, registando-se essencialmente fora do território nacional, principalmente em contextos subaquáticos. Esta realidade dever-se-á, muito provavelmente, à maior facilidade na identificação do tipo anfórico quando os exemplares se conservam praticamente completos, como ocorre frequentemente em naufrágios ou contextos de fundeadouro.

Conhecem-se alguns exemplares de proveniência subaquática, de entre os quais peças provenientes do naufrágio de Grum de Sal (Ibiza) e exemplares recuperados na área portuária do Arles-Rhône (Rio Ródano, Sul da Gália).

O exemplar recuperado em Grum de Sal (San Antonio Abad, Ibiza) é uma peça conservada ao nível do bojo, início do colo, arranque inferior das asas e parte superior do fundo troncoconico; correspondendo a um total de 50cm de comprimento de peça preservada, com 21cm de diâmetro de corpo (Hermanns, Bombico e Almeida 2016: 400, fig.3, peça MAEF 5447).

Da área portuária de Arle-Rhône, mais especificamente do conjunto de materiais provenientes da área de depósito sob o sítio de naufrágio Arles-Rhône 3, foram recuperadas oito Dressel 14 *parvae* de produção lusitana (Quaresma e Djaoui 2016: 357-367, peças 6-7, 23-28; Quaresma 2018: 202-226 peças 56-57, 73-

78). As peças, na sua grande maioria fragmentadas, sugerem ânforas com cerca de 60cm de altura média, com bordos com diâmetros entre os 12 e os 14cm, e grande variedade ao nível dos perfis de colo, corpo e fundo (Quaresma 2018:203). Os fabricos são enquadráveis nas produções do Tejo/Sado. Três dos exemplares apresentam *tituli picti* no colo das ânforas. Uma das peças regista o termo LAC(*ertus/accatum*), enquanto que em outros dois exemplares figura o termo LIQ(*uamen*), um dos quais já anteriormente publicado (Quillon 2011: 108 e 109). É assim possível associar essas ânforas ao transporte de *liquamen*, um condimento alimentar à base de peixe.

José Carlos Quaresma e David Djaoui (2016: 311) fazem referência às semelhanças formais entre a colecção de ânforas Dressel 14 recuperadas no Arles-Rhône 3 e os materiais recuperados na segunda fase de ocupação do sítio Travessa de João Galo, nºs. 4-4B, em Setúbal, datada entre o terceiro quartel do século I e a primeira metade do século II d.C. (Silva e Soares, 2014: 311). Efectivamente, as dimensões de algumas das peças recuperadas no contexto sadino, principalmente ao nível dos diâmetros dos bordos, que oscilam entre os 11 e os 14cm, parecem sugerir uma correspondência com o módulo da Dressel 14 *parva*, ainda que os autores não façam referência a essa possibilidade (Silva e Soares, 2014).



A bibliografia faz, ainda, referência à identificação e recuperação de ânforas correspondentes ao módulo de pequenas dimensões da Dressel 14, com cerca de 60cm de altura, nos prováveis sítios de naufrágio de La Balise de Lavezzi (Bebko 1971: 2 e 44, prancha XXXVIII; Parker 1992: 238) e Lavezzi 3 (Bebko 1971: 2-5 e 35, prancha XXIX; Parker 1992: 240; Massy 2013: 145), localizados no Estreito de Bonifácio e datados do século I d.C.. Infelizmente essas peças estão em parte incerta, não se encontrando armazenadas nos depósitos arqueológicos franceses, conjuntamente com os restantes materiais recuperados destes sítios subaquáticos. Por outro lado, considerando que as ânforas de tipo Dressel 14, associadas a estes sítios, não correspondem a fabricos lusitanos mas sim a prováveis fabricos béticos (Bombico 2017: Anexo II, Fichas de Naufrágio 36 e 37), é igualmente questionável a origem lusitanas dos Dressel 14 *parvae* destes contextos. Infelizmente, e tendo em consideração o estado actual dos conhecimentos, não é possível associar a produção do tipo Dressel 14 *parva* a nenhum dos centros oleiros béticos conhecidos.

Merece, também, referência um outro dado publicado. Do fundeadouro de Saint-Gervais (Bouches du Rhône) foi recuperada uma ânfora enquadrável no tipo Dressel 14 *parva* com o seguinte *titulus pictus* LOC/APIS/AA, cujo termo LOC os autores sugerem estar associado ao termo *locusta* (lagosta) (Liou e Marichal 1978: 169, fig.28-nº72).

A identificação de um exemplar de Dressel 14 *parva*, em Sines, vem enriquecer o conhecimento sobre a produção deste módulo na Lusitânia, e reforçar a sua já comum identificação em contextos subaquáticos, ligados ao comércio marítimo. Será esta variante de menores dimensões um contentor destinado ao consumo a bordo por parte das tripulações? Ou estará associado à comercialização e

promoção de um produto diferenciado, como o *liquamen*?

### Bibliografia

- Almeida, R., Vaz Pinto, I., Magalhães, A.P. E y Brum, P. 2014a: "Which amphorae carried the fish products from Tróia (Portugal)?", *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 43, 653-661.
- Almeida, R., Vaz Pinto, I., Magalhães, A.P. y Brum, P. 2014b: "Ânforas piscícolas de Tróia. Contextos de consumo versus contextos de produção", en R. Morais, A. Fernández y M. J. Sousa (Eds.) *As produções cerâmicas de imitação na Hispanica, Monografias Ex Officina Hispana II* (Actas do II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana, Braga 3 a 6 de Abril de 201, 405-423).
- Bebko, W. 1971: "Les épaves antiques du Sud de la Corse" in *Cahiers Corsica*, 1-3, Bastia.
- Bombico, S. 2017: *Economia Marítima da Lusitânia Romana: Exportação e Circulação de Bens Alimentares*. 2 volumes. Tese de Doutoramento, apresentada à Universidade de Évora. Policopiada.
- Fabião, C. 2004: "Centros oleiros da Lusitania. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação", en D. Bernal Casasola and L. Lagóstena Barrios (eds), *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C)*. vol. 1, British Archaeological Reports, International Series, vol. 1266, Oxford: Archaeopress, 379-410.
- Fabião, C. 2008: "Las ánforas de Lusitania", en D. Bernal Casasola and A. Ribera Lacomba (eds.) *Cerámicas hispanoromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, 725-745.
- Hermanns, M.; Bombico, S. y Almeida, R. 2016: "Reevaluando un documento del comercio lusitano de época altoimperial. Estudio preliminar del pecio de Grum de Sal (Eivissa/Ibiza)", en R. Járrega Domínguez y P. Berni Millet (eds.) *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana (Tarragona, 1013 de diciembre de 2014)* (Monografías Ex Officina Hispana, III). Tarragona, ICAC – SECAH, 394-406.
- Liou, B. y Marichal, R. 1978: "Les inscriptions peintes sur amphores de l'anse Saint-Gervais à Fos-sur-mer", *Archaeonautica*, 2, 109-181.
- Massy, J.-L. 2013: "Archéologie Sous-Marine en Corse Antique", *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*, XX.
- Mayet, F. y Silva, C. T. 1998: *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*, E. de Boccard, Paris.
- Mayet, F. y Silva, C. T. 200: *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*, E. de Boccard, Paris.
- Mayet, F. y Silva, C.T. 2009: *Olaria Romana do Pinheiro/L'Atelier d'Amphores de Pinheiro*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal.
- Morais, R., Oliveira, C. y Araújo, A. 2016: "Lusitanian Amphorae of the Augustan Era and their Contents: Organic Residue Analysis I" en I. Vaz Pinto, R. de Almeida y A. Martin (eds) *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress, Oxford, 105-109.
- Parker, A. J. 1992: *Ancient shipwrecks of the Mediterranean and Roman Provinces*. Oxford: BAR International Series, 580.
- Quaresma, J. C. y Djaoui, D. 2016: "Lusitanian Amphorae from the Dump Layer above the Arles-Rhône 3 Shipwreck" en I. Vaz Pinto, R. de Almeida y A. Martin (eds). *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress, Oxford, 357-367.
- Quaresma, J.C. 2018: "Les amphores lusitaniennes à Arles: quantification d'un process de longue durée" *Ex Officina Hispania, Cuadernos de la SECAH, Vol.3*, 197-229.
- Quillon, K. 2011: "Les inscriptions peintes sur amphores à sauce et salaison de poisson hispaniques", en D. Djaoui, S. Greck y S. Marlier (eds), *Arles-Rhône 3, Le naufrage d'un chaland antique dans le Rhône, enquête pluridisciplinaire*. Catalogue d'exposition, Arles, Actes Sud, 107-109.
- Raposo, J. Y Viegas, C. 2016: "Dressel 14 (Western Lusitania)", *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-14-western-lusitania>), Consultado em 08-12-2020.
- Silva, C. T. Y Coelho-Soares, A. 2014: "Preexistências de Setúbal. A ocupação romana da Travessa de João Galo, nº 4-4B", *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*. Setúbal Arqueológica 15, Setúbal, Museu de Etnografia e Arqueologia do Distrito de Setúbal e Assembleia Distrital de Setúbal, 305-340.